

CAPÍTULO V

A linguagem e o envelhecimento

Introdução

Em diferentes momentos ao longo deste volume, foi realçado o facto de em torno das pessoas de idade se terem criado alguns mitos que fazem com que esta população nem sempre seja olhada do modo mais condizente com a sua forma de actuar. Mais, tais mitos são mesmo, muitas vezes, responsáveis por leituras apressadas e, como é óbvio, desprovidas de fundamentação científica no tocante às habilidades dos seniores com as consequentes repercussões, quantas vezes menos desejadas, a vários níveis. Cabe, portanto, aos estudiosos das diferentes especialidades relacionadas com as pessoas de idade “normais” mostrar, através dos resultados que obtêm nas suas pesquisas científicas, que os mitos não passam mesmo de mitos e que os preconceitos (deles advenientes) também não passarão frequentemente de preconceitos.

Apesar de existirem mitos e preconceitos sobre as pessoas de idade que atravessam diferentes domínios, porventura estranhamente não é impossível encontrar quem admita que a linguagem será uma das faculdades que se revelam mais impermeáveis ao efeito do envelhecimento normal. Por outras palavras, poderá ouvir-se que as pessoas de idade até nem apresentam (grandes) dificuldades no tocante à linguagem. Será que, neste caso, estaremos, ao arrepio do que acima ficou dito, em presença de um “mito” que, desta vez, joga em defesa da pessoa de idade? É provável que quem assim se pronuncia não tenha em conta que o processamento da linguagem no que ele comporta de psicolinguístico tem obrigatoriamente de recorrer a facetas da cognição, que não serão com certeza por esses mesmos consideradas impermeáveis ao processo do envelhecimento (fisiológico/cognitivo)¹. Poderiam ainda adicionar-se a este quadro as alterações que se verifi-

¹ A este respeito, ver também Carpenter *et al.* (1994: 1101), já citado no capítulo III (“A literacia e o envelhecimento cognitivo”) deste volume.

cam do ponto de vista social após a reforma² e que, sobretudo quando os seniores vivem mais isolados e não têm acesso a intervenções educativas, podem levar a que, em situações mais extremas, o uso da linguagem se veja reduzido a simples monólogos ou até ao mutismo (ver Juncos Rabadán 1998: 4).

Interrogo-me mesmo se os que admitem que a linguagem não sofre alterações, pelo menos significativas, com o avançar da idade não estarão a confundir um desempenho verbal sem problemas com o fenómeno da verbosidade, caracterizado com frequência por perífrases/circunlocações que se destinam a mascarar défices de evocação/recuperação lexical e que não deixa de ser um mecanismo de compensação quando se encontram deficitários aspectos da memória que podem afectar também a linguagem (ver Lecours & Simard 1998: 22). A respeito da verbosidade, Kemper & Kemtes (2000: 199) consideram-na um tipo de discurso repetido, prolongado e tangencial, no sentido de que anda à volta do tema principal sem o abordar como seria de esperar, se bem que não vejam nesse fenómeno apenas uma característica geral da pessoa de idade. Na verdade, de acordo com a mesma fonte, trata-se de um discurso que também poderá ocorrer, independentemente da idade, quando se verifica um declínio intelectual associado a afectações do lobo frontal, lobo responsável pelo controle dos processos inibitórios e, como tal, contribuindo em condições não normais para a perseveração de diferentes tarefas e também para a existência da verbosidade. A verbosidade ganha assim terreno à medida que se perde a capacidade de inibir processos que se encontram em competição (ver Kemper & Kemtes 2000: 199), alguns dos quais irrelevantes e, como tal, perturbadores também no caso do processamento da linguagem.

Resta então perguntar, como o faz Juncos Rabadán (1998: 5), se os problemas de linguagem em situações de envelhecimento normal podem ser tidos como alterações especificamente linguísticas ou como o resultado de alterações cognitivas mais gerais³. De acordo com a hipótese de Juncos Ra-

² Tal como ficou registado na nota 9 do Capítulo I, neste texto, por opção de escrita, “reforma” está também por “aposentação”, não se negligenciando todavia o que representa estar-se perante duas entradas lexicais distintas.

³ Nesta oportunidade, aconselha-se a leitura de Juncos Rabadán (1994).

badán (1998: 5), num processo de envelhecimento normal, diferentemente do que se passa nos quadros afásicos, as alterações da linguagem estarão mais ligadas a aspectos em que a capacidade da memória operatória⁴ se torna mais necessária. A título de exemplo, o autor refere o acesso lexical, a compreensão e produção de orações complexas e a compreensão e produção do discurso.

Antes de tratar os aspectos da linguagem que acabamos de mencionar e que, porque também dependentes da cognição, podem ficar mais vulneráveis a partir de certa idade, interessaria ainda avançar que, para contornar os possíveis problemas de linguagem e de comunicação existentes nas pessoas de idade, não convém recorrer a meios que, em vez de parecerem contribuir para melhores desempenhos, possam, pelo contrário, aumentar as suas limitações. Devem por isso ser tidos em atenção os efeitos por certo mais negativos do que positivos do uso de um discurso por vezes utilizado com as pessoas de idade, designado em língua inglesa por “elderspeak”⁵.

O “elderspeak”, ao caracterizar-se por um ritmo lento, por uma prosódia exagerada, por uma sintaxe e um vocabulário simplificados, corre o risco de, no dizer de Kemper & Kemtes (2000: 205), se aproximar de registos usados com crianças pequenas, com estrangeiros e até com animais domésticos. Ora, a ser assim, não se manifestará muito recomendável. No fundo, seguindo a mesma fonte, um discurso com tais características visaria, à primeira vista, fomentar e facilitar a comunicação com as pessoas mais idosas. Acontece porém, como argumentam com pertinência Harwood, Giles & Ryan (1995, referidos por Kemper & Kemtes 2000: 207), que o uso do “elderspeak” como, de resto, de outros comportamentos que, num primeiro momento, se possam considerar mais adaptados às pessoas de idade só contribuirão para o desenvolvimento inoportuno de uma identidade “idosa”, que acaba por reforçar estereótipos negativos em relação a essa população e diminuir também naturalmente a sua auto-estima. Neste contexto, reves-

⁴ Como se pode ler em Juncos Rabadán (1998: 6), “[o] conceito de memória operatória (working memory) [...] [refere-se] a dois aspectos do funcionamento da mente: memorização ou armazenamento temporal de informação e processamento ou manipulação dessa informação”.

⁵ Para uma leitura crítica sobre este assunto, ver Kemper & Kemtes (2000: 204 e segs.).

te-se da maior oportunidade o que Girolami-Boulinier observa a propósito desses comportamentos e que eu sublinharia de uma forma muito especial por sentir que vai ao encontro da atitude que, de facto, se deve ter quando se lida com pessoas de idade, sobretudo de idade avançada: “Para que a comunicação se torne eficaz, convém que o ortofonista tenha o cuidado de falar lentamente, com frases simples mas adultas e não estupidificantes, procurando introduzir pausas entre os diferentes grupos semânticos” (Girolami-Boulinier 1985: 376). Quem conhecer bem a obra de Andrée Girolami-Boulinier não tem dificuldade em entender que esta passagem encerra um dos seus principais pensamentos, i.e., qualquer manifestação verbal tem de servir a compreensão tomando como base um conhecimento seguro do funcionamento da linguagem (ver Girolami-Boulinier 1993).

Terá chegado então o momento de observar certos aspectos da linguagem de um modo que nos permita considerar o que lhe pode vir a acontecer em resultado de um envelhecimento normal e pensar como intervir tendo contudo sempre presente as vantagens de se terem desenvolvido ao longo da vida capacidades verbais e habilidades metacognitivas – mais evidentes obviamente naqueles que apresentarem níveis de escolaridade e de literacia superiores – que ajudarão tanto a criar resistências em relação ao que poderá vir a ocorrer com a idade, como a encontrar formas de compensar desempenhos menos esperados.

Breve abordagem a manifestações verbais passíveis de alteração com a idade

Algumas considerações em torno do acesso ao léxico

As pessoas mais idosas, dependendo com certeza do seu nível cultural, podem reconhecer e compreender tantas ou mais palavras do que uma população mais jovem, em resultado de, ao longo da vida, o seu conhecimento, também linguístico, ter obviamente aumentado. Quer isto dizer que, com a idade, o conhecimento conceptual não parece sofrer deterioração; afigura-se antes que ele aumenta (ver Juncos Rabadán 1998: 13), na medida em que foi experienciada uma maior vivência com as palavras e com as coisas. Em contrapartida, seguindo a mesma fonte, o acesso ao léxico vai sofrendo alterações com a idade tornando-se por isso mais difícil a recuperação lexical. Com efeito, podem surgir problemas quando se trata

de nomear objectos e muito em especial nomes de pessoas⁶, de encontrar palavras em geral (“fenómeno da (palavra na) ponta da língua”⁷), de encontrar palavras para designar definições e sempre que, por vezes, nos queremos lembrar de certas palavras. No fundo, tudo leva a crer, de acordo com a mesma fonte, que as dificuldades lexicais que as pessoas de idade apresentam estão mais relacionadas com um problema de execução do que de competência.

Na verdade, qualquer pessoa mais atenta dá-se conta de que, nas pessoas a partir de uma certa idade, surgem frequentemente problemas de fluência no discurso que parecem corresponder a uma dificuldade em seleccionar/recuperar a palavra adequada, conhecida por “fenómeno da (palavra na) ponta da língua”, com origem em princípio também num défice de inibição de alternativas irrelevantes (ver Juncos Rabadán 1998: 13).

No tocante ao processamento inerente ao acesso lexical, a que será dedicado algum espaço de seguida com base em Juncos Rabadán & Elosúa de Juan (1998), revela-se de interesse chamar a atenção para um aspecto que sobressai quando se está perante não só quadros de anomia como também do já designado “fenómeno da (palavra na) ponta da língua” e que tende a ocorrer com mais frequência à medida que a idade avança. Como alguns já se terão dado conta, não é invulgar ouvir referir alguns objectos, que por qualquer razão não conseguem ser nomeados em virtude de os nomes que lhes correspondem não se encontrarem de momento disponíveis, quer por meio de hiperónimos do tipo “coisa”, quer por meio da referência àquilo para que servem. Como adiantam Juncos Rabadán & Elosúa de Juan (1998: 27), com base na literatura, numa tarefa em que se pedia a dois grupos, um de jovens e outro de pessoas de idade, que dessem sinónimos de palavras-estímulo, verificou-se que, dependendo naturalmente do nível de educação dos sujeitos, os primeiros davam sinónimos muito adequados enquanto os segundos forneciam antes explicações funcionais ou estruturais em vez de

⁶ No caso dos nomes de pessoas, torna-se mais difícil a sua recuperação lexical em virtude de se tratar de rótulos lexicais que não apresentam qualquer relação motivada com as pessoas que denominam (ver Juncos Rabadán & Elosúa de Juan 1998: 30)

⁷ Segundo Juncos Rabadán (1998: 13), o “fenómeno da (palavra na) ponta da língua” “tem a ver não com a desagregação ou ausência da palavra correspondente, mas sim com a selecção da [palavra] adequada.”

definições restritas ou sinónimos. É porém interessante observar-se que se afigura estar intacta a ideia subjacente ao que a pessoa de idade quer exprimir, uma vez que sabe dizer para o que serve o objecto correspondente à palavra em causa, revelando assim que o sistema semântico constituído pelos nós proposicionais que conduzem ao nó lexical referente à palavra em causa não se encontrará afectado⁸, mas que em termos de processamento lexical algo parece encontrar-se afectado em fases mais próximas da realização da palavra, incluindo naturalmente o sistema fonológico⁹, e que acabam por causar problemas a nível da capacidade de recuperação lexical¹⁰. Visto nesta perspectiva, o problema com a capacidade de recuperação lexical, que pode revestir a forma do citado “fenómeno da (palavra na) ponta da língua”, poderá, de acordo com Burke *et al.* (1991) referidos por Juncos Rabadán & Elosúa de Juan (1998: 29), ter por base um défice de transmissão – que se deveria processar de modo “automático” – entre a representação léxico-semântica da palavra e a sua representação fonológica¹¹. Seguindo a mesma fonte (Juncos Rabadán & Elosúa de Juan 1998: 30), embora na linguagem espontânea a diversidade lexical à primeira vista não decresça com a idade, a dificuldade de acesso ao léxico parece não se manifestar intacta uma vez que, quando se observa com mais rigor a linguagem produzida, esta revela um uso mais frequente de termos vagos, remetendo-nos para o tipo de discurso tangencial a que se fez referência

⁸ No exemplo que nos é fornecido pela representação simplificada da rede para a palavra “rosa” de acordo com a teoria dos nós de Burke *et al.* (1991), os nós proposicionais representados no sistema semântico relativos ao nome “rosa” – este, correspondente a um nó lexical – são: “É uma flor”, “Tem espinhos”, “É um presente precioso” (Juncos Rabadán & Elosúa de Juan 1998: 35).

⁹ Ver Juncos Rabadán & Elosúa de Juan (1998: 35) quando se reportam à teoria dos nós de Burke *et al.* (1991)

¹⁰ Como referem Juncos Rabadán & Elosúa de Juan (1998: 32), as dificuldades apresentadas pelos mais velhos parecem compensar-se com o desenvolvimento de estratégias que se apoiam em processos descendentes, da ordem do conhecimento conceptual, que não se afiguram tão afectados pela idade.

¹¹ Para mais pormenores sobre as dificuldades de acesso ao léxico fonológico em torno do debate entre explicações conexionistas e modularistas a nível do processamento lexical quando se verificam alterações no acesso lexical nas pessoas com mais idade, consultar Juncos-Rabadán & Elosúa de Juan (1998: 33).

quando foi aludida a verbosidade no discurso da pessoa de idade. Ora, os mencionados termos vazios, circunloquções, etc., podem, de facto, ocultar dificuldades de acesso ao léxico, precedidos provavelmente com frequência de momentos de pausa denunciadores da dificuldade em recuperar as palavras que se pretendem produzir.

Conforme adiantam Juncos Rabadán & Elosúa de Juan (1998: 30), a não fluência verbal que se pode observar no discurso da pessoa de idade, causada pela dificuldade de recuperação lexical com as consequentes pausas vazias, bem como também pelo enlentecimento¹² cognitivo¹³ que se vai manifestando de diferentes formas, pode interferir igualmente sobre a ambiguidade referencial nas produções verbais. Dito diferentemente, como as pessoas de idade apresentam dificuldade em encontrar as palavras exactas, tendem então a recorrer a pronomes, a palavras vazias, o que acaba por prejudicar a coesão referencial sempre necessária a uma boa compreensão do discurso oral.

Retomando as dificuldades de acesso ao léxico, que terão como exemplo mais típico o “fenómeno da (palavra na) ponta da língua”, com base em Juncos Rabadán & Elosúa de Juan (1998: 33) podemos mencionar duas teorias explicativas deste fenómeno: a teoria do défice de transmissão e a teoria do défice de inibição. A primeira está muito ligada ao enlentecimento cognitivo que se verifica com o avançar da idade e remete-nos para uma fragilização da relação entre os vários níveis ao longo do processamento lexical e das respectivas conexões (ver Juncos Rabadán & Elosúa de Juan 1998: 33-35). No que toca à teoria do défice de inibição, ela baseia-se nas

¹² O enlentecimento, característico da velhice, é definido como “[o] tempo necessário para qualquer tarefa que requeira a mediação do sistema nervoso central” (Birren & Fisher (1992), referido por Juncos Rabadán 1998: 2). Juncos Rabadán (1998: 2) ainda acrescenta que o enlentecimento nas pessoas de idade “se reflecte por mudanças na actividade eléctrica central e por uns tempos de reacção mais elevados em todas as actividades”. Interessa ainda transcrever a seguinte passagem extraída da mesma fonte: “O enlentecimento é a contrapartida evolutiva da rapidez de respostas e de processamento, que se manifesta em fases mais precoces do desenvolvimento.”

¹³ Juncos Rabadán (1998: 2) avança, apoiado na literatura, que o enlentecimento afecta todo o comportamento e também a cognição em virtude da menor rapidez nas transmissões neuronais.

alterações dos mecanismos inibitórios (Juncos Rabadán & Elosúa de Juan 1998: 36). Em conformidade com a fonte citada, a inibição em condições ditas normais não permite que a informação irrelevante, que pode ser activada ao mesmo tempo que a relevante, aceda à memória operatória. Mais, a inibição também pode actuar na memória operatória suprimindo informação que, não sendo relevante, pode causar interferências. Ora, nas pessoas com mais idade, parece gerar-se um défice dos mecanismos inibitórios que motivam mais interferências irrelevantes do que nas pessoas mais novas. No que toca ao processamento lexical, a teoria do défice de inibição admite que passa a existir um bloqueio quando a palavra que se procura e se quer recuperar é inibida por outra – que pode acabar por ser a recuperada –, que se caracteriza por se revelar próxima da palavra-alvo do ponto de vista léxico-semântico ou fonológico e por pertencer normalmente à mesma categoria gramatical (ver Juncos Rabadán & Elosúa de Juan 1998: 36).

Esta abordagem a possíveis discontinuidades que podem ocorrer sobretudo no discurso da pessoa de idade mostra-nos que, finalmente, a linguagem sofre o efeito do envelhecimento, em especial neste caso do cognitivo. Para ilustrar o referido, foi até ao momento feita unicamente alusão ao que se passa em termos de acesso lexical. De seguida, será abordada, em especial, a linguagem narrativa e, por fim, serão contemplados problemas de comunicação nas pessoas de idade.

Algumas considerações em torno da linguagem narrativa

Quando se aborda a linguagem narrativa, não se pode deixar de salientar a importância de que se revestem nessa manifestação verbal o nível de escolaridade e de literacia detidos pela população, neste caso sénior, bem como as capacidades verbais e as habilidades metacognitivas daí advindas.

As habilidades metacognitivas, ou seja aquelas que envolvem a consciencialização dos processos mentais, de forma a monitorizá-los e a controlá-los, com base na capacidade de pensar acerca do pensamento (Field 2004: 178), são, como é óbvio, relevantes quando está em causa, por exemplo, a competência narrativa. A importância do domínio da teoria dos esquemas e da compreensão dos textos narrativos assume, sem dúvida, um relevo particular neste tipo de desempenho verbal (ver, entre outros, Scliar-Cabral (1991: 84) e Juncos Rabadán 1996: 669). Por sua vez, Mandel &

Johnson (1984: 656) também salientam as semelhanças e diferenças, em termos de processamento, de listas arbitrárias, de histórias e de outros estímulos que se apresentem organizados esquematicamente, sublinhando assim os efeitos desse tipo de organização. Já Wimmer (1980), referido por Juncos-Rabadán (1996: 671), sugeria que as capacidades metacognitivas são centrais para uma manipulação efectiva das estruturas narrativas por parte das crianças. E esta posição faz sair reforçada a seguinte passagem de Scliar-Cabral (1991: 84): “a internalização dos esquemas ou gramáticas das estórias depende de as crianças estarem expostas a experiências narrativas”, experiências essas naturalmente imprescindíveis para a consolidação das referidas capacidades metacognitivas não só em idades precoces, mas também ao longo da vida adulta. Revela-se, portanto, necessário pôr a criança face à realidade narração desde muito cedo para que ela possa vir a adquirir a organização estrutural da narrativa e tirar assim partido dela quando vier a ter necessidade dela ao longo da sua existência. Ressalta, desta forma, a importância do contacto a partir de uma idade precoce com diferentes práticas de uso da linguagem e do papel da educação formal no estabelecimento de capacidades verbais e de habilidades metacognitivas, na medida em que contribuem para criar a distância cognitiva indispensável a uma atitude crítica necessária ao exercício do controle necessário sobre os diferentes desempenhos verbais, nomeadamente, no presente caso, da narrativa.

Na verdade, quem possui, como se pode ler em Juncos Rabadán & Pereiro Rozas (1998: 56), um nível elevado de capacidades verbais revela uma maior familiarização com a estrutura de vários tipos de prosa, podendo tirar partido desse conhecimento sempre que dele tiver necessidade. É, portanto, natural que os seniores que não possuem tal preparação, i.e., que apresentem baixas capacidades verbais em virtude de deterem níveis mais baixos de escolaridade e de literacia se sintam menos à vontade em lidar com as diferentes estruturas textuais, incluindo as narrativas. Quer isto dizer que os seniores, sobretudo os detentores de menor escolaridade, encontrarão por certo mais dificuldade em conferir a coesão necessária às narrativas ou aos textos que produzem, na medida em que, ao reduzirem a complexidade estrutural dessas produções verbais, perdem elementos de coesão, passando em consequência de tal facto a apresentar dificuldades, por exemplo, em identificar os antecedentes pronominais com implicações no número de erros referenciais (ver Juncos Rabadán & Pereiro Rozas

(1998: 56), baseados em Kemper *et al.* (1990) e Pratt *et al.* 1989). Autores como Holland & Rabbitt (1990), referidos igualmente por Juncos Rabadán & Pereiro Rozas (1998: 56), verificaram ainda nos seus estudos que os seniores têm mais dificuldade em relacionar os acontecimentos relativos a um determinado contexto, recordando melhor os temas centrais das histórias do que os pormenores. Em guisa de resumo relativamente ao que acabou de ser exposto, pode dizer-se que as histórias contadas pelos seniores, dependendo obviamente do nível de instrução que possuem, possível responsável por um melhor domínio das capacidades verbais e metacognitivas necessárias a tais desempenhos, apresentarão, em geral, estruturas mais simples, um menor conteúdo informativo, um estilo mais subjectivo, menos elementos de coesão, mais frases tangenciais, traduzidas em divagações em relação ao tema principal, para além de mais frases descritivas (ver Juncos Rabadán & Pereiro Rozas 1998: 57 e 59)¹⁴. Por outros termos, poderá dizer-se que a capacidade de contar histórias tende a manifestar uma deterioração com a idade, não obstante as capacidades verbais que cada sénior

¹⁴ Num estudo efectuado por Pinto, Veloso & Martins (2000) em que se compararam as produções narrativas orais e escritas em três grupos etários distintos e com escolaridades diversas (um grupo de estudantes universitários com uma média etária de 22,70 anos (N=20), um grupo de adultos com uma média etária de 49,30 anos e com uma escolaridade de 4 anos (N=20) e um grupo de pessoas idosas com uma média etária de 85,90 anos e com uma escolaridade formal entre os 3 e os 12 anos (N=20), predominando os que apresentam 4 anos de escolaridade), cujos resultados preliminares foram apresentados na conferência plenária proferida por M. G. Pinto no VI Congresso Internacional da International Society of Applied Psycholinguistics, Univ. de Caen, Caen, França, 28 de Junho a 1 de Julho de 2000, foi possível verificar através dos dados obtidos que a população idosa, sobretudo a detentora de um menor número de anos de escolaridade, produz mais estruturas descritivas e simples, do tipo Sintagmas (ver a terminologia usada por Girolami-Boulinier 1984), em detrimento de estruturas completas, mais usadas pelos estudantes e pelos adultos, não obstante as diferenças não serem significativas do ponto de vista estatístico. No tocante à compreensão-evocação de pormenores dos recontos, também se verifica que os idosos apresentam médias mais baixas do que os outros dois grupos, sendo significativa a diferença entre estudantes e idosos, mas já não entre idosos e adultos. O mesmo tipo de diferenças foi encontrado no tocante à compreensão global. Trata-se de um estudo que necessita de uma população mais numerosa para que os dados possam ser objecto de uma análise estatística mais adequada. Os dados obtidos não deixam contudo de despertar interesse no que toca ao efeito do número de anos de escolaridade nos desempenhos verbais. Ver, também a respeito da focalização da atenção nos pormenores e nos aspectos globais, Tun (1989: 13) e Adams *et al.* (1990: 25).

detiver poderem concorrer para melhores desempenhos ao desenvolverem nele as capacidades metacognitivas que lhe vão propiciar a possibilidade de estruturar os seus textos com base na consciencialização da trama que os suporta¹⁵. Como lembram Juncos Rabadán & Pereiro Rozas (1998: 60), se bem que nos seniores seja possível dizer que usam preferencialmente estruturas descendentes, bem como estratégias integrativas e interpretativas que conduzem ao dito estilo mais subjectivo e menos informativo, terá de se admitir que se encontrará, em contrapartida, alterada a capacidade de supervisão e integração de todos os elementos da história, assim como a capacidade de manter a informação relevante e de inibir a não relevante, conduzindo a interferências de informação proveniente da memória a longo prazo, bem como à activação de vivências pessoais providas da memória episódica, na qual se encontram armazenadas as vivências pessoais do sujeito (ver Juncos Rabadán & Pereiro Rozas 1998: 50).

Tal como se passa nas alterações relativas ao acesso lexical, segundo Juncos Rabadán & Pereiro Rozas (1998: 60), as dificuldades que os seniores manifestam com a organização do discurso narrativo não se devem a razões de ordem apenas linguística. Dito de outra forma, estarão relacionadas com problemas de ordem cognitiva que têm a ver, em especial, com dificuldades a nível da atenção e com alterações da memória operatória.

Ainda seguindo Juncos Rabadán & Pereiro Rozas (1998: 61), as teorias da inibição poderão explicar alguns dos fenómenos que se produzem no discurso narrativo dos seniores, mas não explicam tudo. Podem explicar, por exemplo, a ocorrência de orações tangenciais, a dificuldade em manter o tema central das histórias e o número exagerado de pormenores secundários em detrimento dos essenciais sobretudo quando estão em causa resumos, mas já não explicarão os problemas relativos à coerência temática, à falta de elementos de coesão, à dificuldade de identificar antecedentes pronominais e a existência de erros de referência. Torna-se, por conseguinte, necessário recorrer a outras teorias, como a relacionada com a memória operatória, para encontrar resposta para os aspectos apontados que escapam à explicação que se apoia nas teorias da inibição. Muito provavelmente

¹⁵ Para a obtenção de mais informação sobre o discurso narrativo na pessoa de idade, devem consultar-se: Juncos-Rabadán (1996), Juncos-Rabadán *et al.* (2005), Pereiro Rozas & Juncos Rabadán (2000 e 2003).

te será necessário conjugar as teorias da inibição e da memória operatória com o natural enlentecimento que se passará a verificar na realização dos processos necessários às operações em questão (ver Juncos Rabadán & Pereiro Rozas 1998: 62 e segs).

Conforme adiantam Juncos Rabadán & Pereiro Rozas (1998: 67) a resumir, poderá fazer-se alusão a três tipos de alterações que parecem influenciar o discurso nos seniores. O primeiro tipo de alteração assenta na hipótese de uma redução no “espaço de trabalho”, espaço esse no qual se realizam as diversas operações de processamento. A segunda alteração teria a ver com um possível insucesso na inibição de informação irrelevante. E a terceira alteração adiviria do enlentecimento na forma como acontecem os processos em causa (ver a respeito destas três alterações Stine *et al.* (1995), Kemper (1988), Hasher & Zacks (1988) e Salthouse 1990; 1992a; 1992b).

Juncos-Rabadán (1996: 680), de resto, apoiando-se em Hasher & Zacks (1988), vê também na compreensão mais pobre da “macroestrutura”¹⁶ das histórias por parte das pessoas de mais idade com níveis de escolaridade baixos uma prova de uma “susceptibilidade aumentada para uma dispersão de atenção (“distraction”) devido a uma perturbação no funcionamento dos mecanismos inibitórios relacionados com a idade”.

Se, como foi referido neste capítulo, a população mais idosa produz mais estruturas descritivas, tal facto poderá querer dizer que nela se verifique uma maior tendência para a descrição. Mas, seguindo Tun (1989: 9), a pesquisa também sugere que “a facilitação que fornece uma estrutura narrativa bem-definida pode ser de um benefício particular para os adultos mais idosos”. Por outros termos, o domínio do esquema organizacional da narração será, por conseguinte, responsável pelos melhores resultados encontrados, facilitando a elaboração de inferências e o processo interpretativo (ver Tun 1989: 13) em detrimento do descritivo.

Algumas considerações em torno da conversação

Será que no tocante à comunicação através da conversação também se observam os défices que ocorrem no discurso narrativo? Por outras pa-

¹⁶ Ter em atenção a passagem de Scliar-Cabral (1991: 84) transcrita na parte final da primeira secção deste capítulo.

lavras, será que se observam a produção de frases curtas, a deterioração na complexidade sintáctica, problemas relacionados com a afectação da coesão textual com a consequente dificuldade em estabelecer antecedentes pronominais e o inevitável surgimento de erros referenciais, a perda da capacidade de relacionar os acontecimentos num dado contexto e de recordar pormenores, conservando porém a capacidade de recordar o tema central dos assuntos a abordar, e ainda a produção de frases tangenciais – frases ao lado do tema central que tomam a forma de divagações – e de frases descritivas (Juncos Rabadán & Pereiro Rozas 1998: 56-57)?

É evidente que, como já foi dito em várias ocasiões, apesar de o nível de educação dos seniores constituir um factor de resistência a grande parte dos aspectos acima enumerados em virtude das habilidades metacognitivas para as quais contribui, se terá de admitir que há desempenhos verbais que sofrem efectivamente o efeito da idade. Não será pois de admirar que os seniores apresentem dificuldades em integrar os elementos num todo coerente, percam informação e se deixem influenciar por distractores (ver Juncos Rabadán & Pereiro Rozas 1998: 57) também em termos da estrutura conversacional¹⁷.

Assim sendo, no que respeita à estrutura da conversação na pessoa de idade, torna-se pertinente perguntar se ela respeita os aspectos relativos à interacção e à comunicação durante a conversação (os turnos¹⁸ de conversação, os olhares durante os turnos, o controle do tema de conversação e os sinais de seguimento da conversação), bem como os aspectos que levam a comprovar a atitude activa ou passiva do sujeito (através do pedido de esclarecimentos concretizado em perguntas do tipo “que dizer?”, “o quê?” e “como?” ou a prestação de esclarecimentos a perguntas que lhe são colocadas) (ver Juncos Rabadán & Vilariño Vilariño 1998: 113-114).

¹⁷ No que respeita à análise da conversação no idoso, aconselharia a leitura de Preti (1991). Trata-se de uma obra em que o autor procura dar a conhecer a linguagem da pessoa de idade no que ela representa em termos de jogo de diferentes dinâmicas: sociológicas, psicológicas, fisiológicas e linguísticas. Preti faz sem dúvida o ponto da situação em torno do tópico em questão com muita clareza e com os instrumentos apropriados.

¹⁸ Acerca de turno, pode ler-se em Hilgert (2001: 26): “aquilo que um indivíduo faz e diz, enquanto está na vez de falar”. E o autor prossegue: “Cada turno é um passo dado por um e outro falante, na evolução do processo conversacional.”

Quanto aos turnos de conversação, será que as pessoas de idade inter-vêm quando devem ou produzem com frequência turnos vazios preenchidos por pausas? Será que os turnos, quando cheios, são demasiado curtos, não satisfazendo portanto o que é solicitado pelo pedido de conteúdo do discurso?

Seguindo ainda a mesma fonte, pode perguntar-se, em relação ao contacto ocular da pessoa de idade quando conversa, se ela o evita, se mantém esse contacto ou se olha e desvia o olhar no decurso dos turnos de conversação.

Em termos do controle do tema de conversação e tomando sempre como base Juncos Rabadán & Vilariño Vilariño (1998: 113-114), interessa saber se a pessoa de idade conhece e segue o tema da conversação¹⁹. É provável que ocorram produções verbais que se limitam a “sim” ou “não”, outras que correspondam a enunciados vazios ou a enunciados sem a presença do tema ou, então, a meros “não sei”. É evidente que algumas destas respostas, do tipo “sim”, “não”, “não sei” são, como os autores mencionados avançam, sinais de que se está a processar um determinado seguimento da conversa, cumprindo, no fundo, a condição pragmática²⁰ correspondente.

Finalmente, para que uma conversação resulte eficaz, deve reger-se por máximas – implicaturas conversacionais –, que têm como objectivo atingir as intenções dos interlocutores (ver Juncos Rabadán & Vilariño Vilariño 1998: 100)²¹. Quer isto dizer, com base na fonte referida, que o ouvinte tem

¹⁹ Aconselha-se, a este respeito, a leitura de Juncos Rabadán & Facal Mayo (2003).

²⁰ Como se pode ler em Juncos Rabadán & Vilariño Vilariño (1998: 100), “A relação entre a linguagem, a comunicação e a interacção foi estudada pela pragmática (Davis 1991) como um domínio em que interactuam a gramática [...], a lógica [...] e a acção social.” Nesta perspectiva, a linguagem é considerada uma actividade humana de comunicação obviamente com diversas implicações.

²¹ São conhecidas de todos os que trabalham em pragmática as máximas de Grice (1991) que governam a conversação. São elas: a quantidade, a qualidade, a relação e a maneira. De acordo com a quantidade, deve tornar-se a contribuição tão informativa quanto possível e não mais do que o necessário. No que toca à qualidade, deve dizer-se o que apresenta provas suficientes. No tocante à relação, deve ser-se relevante. Quanto à maneira, devem evitar-se expressões obscuras, ambiguidades, procurando ser-se breve e ordenado (ver Juncos Rabadán & Vilariño Vilariño 1998: 100).

de ir ao encontro sem dificuldade das intenções comunicativas do falante²². A comunicação deve tornar-se, como acrescentam os autores, um “encontro de mentes”. Resta, por conseguinte, observar até que ponto as regras da conversação são ou não violadas pela pessoa de idade em resultado de se encontrarem afectadas habilidades responsáveis por desempenhos menos aguardados já em termos de acesso lexical e da linguagem discursiva. Todavia, não podem depreciar-se, no contexto da estrutura conversacional, os aspectos respeitantes às modificações operadas em termos sociais em boa parte dos seniores quando passam à situação de reformados²³.

Como intervir nestes casos?

Neste volume, no momento achado conveniente²⁴, fez-se alusão aos grupos de linguagem das pessoas de idade criados em França por Andrée Girolami-Boulinier e aos programas de intervenção propostos em Espanha, por exemplo, por Onésimo Juncos Rabadán. Nesta altura, destacar-se-ão exercícios que se afiguram aconselháveis quando se trata de manter nas melhores condições possíveis o acesso lexical, a linguagem narrativa e a estrutura conversacional na pessoa de idade. Assumindo uma insistência porventura excessiva num ponto já várias vezes focado, reveste-se porém sempre de grande oportunidade sublinhar o papel que o nível de instrução e o grau de literacia detidos pela pessoa de idade exercem face aos desgastes de vária ordem que os desempenhos verbais acima referidos possam vir a sofrer em resultado do envelhecimento geral (biológico e cognitivo).

- Relativamente à intervenção destinada a facilitar o processamento do acesso lexical na pessoa de idade, Juncos Rabadán & Elosúa de Juan (1998: 40) referem que se podem propor exercícios que intensifiquem a fluência verbal. Pode, por exemplo, sugerir-se uma letra e solicitar-se aos seniores que encontrem palavras que comecem por essa letra. Pode-se ainda, sempre com base na mesma fonte, pedir

²² Ter, neste momento, em atenção o princípio da relevância de Sperber & Wilson (1986) e Wilson & Sperber (1991).

²³ Neste texto, por opção de escrita e de acordo com o que figura na nota 9 do Capítulo I, “reformado” está também respectivamente por “aposentado”, não se negligenciando todavia o que representa estar-se perante duas entradas lexicais distintas.

²⁴ Ver Capítulo II.

o reconhecimento de palavras e de não-palavras apresentadas ou oralmente ou por escrito. Além disso, ainda de acordo com a fonte mencionada, tirando partido de processos descendentes, pode pedir-se à pessoa de idade que, a partir de uma definição, procure encontrar a palavra que melhor lhe corresponde entre várias possibilidades apresentadas. É igualmente possível, sempre com base nos autores referidos, partir para outros exercícios em que o léxico seja trabalhado de forma a estimular a selecção dos nomes apropriados. Convém observar mais uma vez que as dificuldades de recuperação lexical no sénior não se devem, em princípio, a problemas de representação semântica ou conceptual. De facto, com a idade, o vocabulário vai-se antes enriquecendo graças à experiência pessoal que os anos ajudam a acumular. Deve por conseguinte ter-se preferencialmente em atenção o que se passa no tocante à memória operatória e ao tempo de reacção. O acesso ao léxico, como avançam Juncos Rabadán e Elosúa de Juan, pode então ser facilitado por meio de estratégias compensatórias que, sem dúvida, serão activadas com menos esforço se o sénior puder contar com habilidades metacognitivas que contribuam para as activar. Para concluir, importa dizer que se deve criar na vida quotidiana do sénior situações que lhe favoreçam “a codificação e a recuperação de informação através de pistas contextuais e familiares” (Juncos Rabadán & Elosúa de Juan 1998: 41).

- No que respeita aos exercícios de intervenção quando está em causa a produção de qualquer tipo de discurso, incluindo o narrativo, importa que se utilizem mecanismos metacognitivos que ajudem a organizar a informação textual, facilitando dessa forma a compreensão e a produção do discurso (ver Juncos Rabadán & Pereiro Rozas 1998: 67). É óbvio que o nível de escolaridade dos sujeitos, o modo como, ao longo da vida, exerceram e cultivaram as práticas sociais do uso da escrita, praticaram certas actividades de lazer e viveram diferentes estilos de vida contribuem sem dúvida para que as habilidades metacognitivas estejam funcionais de uma maneira mais eficaz e para que as produções não só se revistam de uma maior complexidade gramatical, mas apresentem também uma maior densidade

de ideias²⁵ (ver Kemper *et al.* 2001). Todas estas formas de se estar perante a vida concorrerão por certo para contrariar efeitos menos ambicionados a nível da memória operatória, da atenção e de outras actividades cognitivas que podem vir a sofrer alterações à medida que a idade avança.

- Quanto aos programas de intervenção na comunicação e consequentemente na linguagem, estes devem, de acordo com Pereiro Rozas & Juncos Rabadán (1998: 160 e segs.), fazer parte de programas de intervenção que integrem variados aspectos da vida das pessoas idosas.

Em conformidade com o que nos adiantam os autores, no que toca à comunicação, as famílias das pessoas de idade devem receber orientações de forma a saberem como intervir no caso de esses seus familiares manifestarem problemas de linguagem. Quer isto dizer que os profissionais que actuam em termos de intervenção junto da população de idade devem reunir-se com os familiares dessas pessoas com o objectivo de os sensibilizar para o modo como devem actuar. Estes devem receber uma preparação que motive os seus familiares de idade a participarem nas suas conversas, a comunicarem com as pessoas amigas dentro e fora de casa e a fazerem uso das suas capacidades narrativas. Devem ainda ser preparados para criarem condições no seio familiar com vista a que sejam exercitadas devidamente as actividades de acesso ao léxico por parte dos seus familiares idosos.

Nota final

Para finalizar, seria bom ter em consideração os variados aspectos relacionados com a linguagem que foram apresentados ao longo deste capítulo, desde o acesso lexical à comunicação, e que nos remetem para uma leitura crítica relativamente aos que consideram que a linguagem é menos

²⁵ De acordo com Kemper *et al.* (2001: 228), “[a densidade de ideias] avalia quanta informação pode estar contida numa frase, em relação ao número de palavras. Resultados elevados reflectem uma economia de expressão, enquanto resultados baixos reflectem uma expressão vaga, repetitiva e redundante.”

permeável ao efeito do envelhecimento. Por outro lado, interessa ter presente que a linguagem não corresponde a uma mera realização no vácuo da língua enquanto sistema; ela toca igualmente o psicológico e o social. Nessa medida, a linguagem passa a sujeitar-se às alterações que possam vir a verificar-se ao longo da vida tanto em termos dos processos psicológicos, como das mudanças sociais que se venham a registar com o avançar da idade. É porventura por essa razão que Juncos Rabadán remete para o plano da execução e não para o plano da competência as afectações que o envelhecimento dito normal pode imprimir à linguagem com a idade.

Nestas circunstâncias, a intervenção, tanto a que procura manter como a que busca fomentar, entre outros aspectos, a atenção, a memória operatória, a capacidade inibitória, o tempo de reacção, os mecanismos compensatórios e a participação activa em conversas do quotidiano, terá de ocupar um lugar muito especial nos programas de toda a ordem propostos para os seniores pelos que deles se ocupam. Dito diferentemente, aos seniores terá de se propiciar um envelhecimento activo com todos os seus pressupostos que contribua para contrariar o trajecto inevitável do envelhecimento fisiológico/cognitivo.

Se muitos dos nossos seniores necessitam de recorrer a essa intervenção, outros existem que, graças ao seu nível de instrução, ao grau de literacia que detêm e ao tipo de actividades que exerceram durante a sua existência e que continuam a exercer no dia-a-dia, se foram tornando agentes de um envelhecimento activo com as consequentes vantagens que se espera daí provindas. Estes últimos, na ausência de qualquer tipo de adversidade, serão então capazes de, por eles próprios, encontrar os mecanismos compensatórios que lhes permitam contornar possíveis interferências, em virtude do vocabulário que detêm, quando está em causa a recuperação de alguma palavra de que necessitam, impedindo dessa maneira a ocorrência de descontinuidades nos seus discursos e de divagações que os afastem do tema central que querem apresentar. Por outro lado, serão igualmente capazes de tirar partido das suas habilidades metacognitivas no tocante à produção textual que visem respeitar a coesão e a estrutura exigidas pelo texto como um todo, que quando não tidas em consideração podem ter repercussões negativas em termos da sua compreensão. Mais ainda, deles se espera que saibam usar as regras que sustentam qualquer conversação, para que não se venham a sentir excluídos quando participarem nas discus-

sões que o quotidiano lhes coloca certamente sob a forma de um desafio constante.

Um forte investimento na aprendizagem ao longo da vida, entendida num sentido muito lato, talvez possa um dia ir ao encontro dos que hoje, infelizmente sem as necessárias fundamentações científicas e, sem dúvida, precipitadamente, vêm na linguagem algo de impermeável ao envelhecimento fisiológico/cognitivo, como se se tratasse de um objecto erradamente colocado numa redoma. Não excluindo, como é óbvio, as imponderáveis adversidades que não deixam de acompanhar a vida, a caminhada a ser percorrida pela população sénior portuguesa que opte, também na área da linguagem, por um envelhecimento activo ressitente, dentro do possível, ao inevitável envelhecimento fisiológico/cognitivo, será necessariamente árdua e terá de contar sem reticências com a contribuição de agentes, também políticos, detentores de espíritos lúcidos e com grande visão do futuro.

A linguagem tanto pode revestir a forma de silêncio em casos extremos menos favoráveis – situações que devem ser objecto de uma intervenção rápida e adequada –, como pode vir a ser usada, na sua modalidade oral ou escrita, como um instrumento de poder, de força participativa e ao serviço da criatividade em especial por aqueles que estão conscientes do que a linguagem representa e que, ao longo da vida, sempre a exerceram e cultivaram nesse sentido. Ademais, independentemente da idade, a linguagem, porventura em particular a escrita, pode mesmo servir fins que tocam a terapia. A título ilustrativo, segue-se uma passagem extraída de um livro que recentemente me foi oferecido em que o autor alude precisamente à (linguagem) escrita como terapia.

Tal como considerei nos meus livros anteriores, todos escritos depois de reformado das funções públicas que exerci durante quase meio século, a escrita para mim é uma espécie de terapia. Vou exercitando os “músculos” dos meus neurónios, convencido que assim eles não se atrofiarão tão cedo.

J. F. Tavares Fortuna (2007: 5-6)

A passagem acabada de transcrever não deixa de evidenciar como a linguagem, quando exercida e cultivada continuamente através de um percurso de aprendizagem ao longo da vida (de iniciativa individual ou programado por outros), é passível de se colocar ao serviço dos aprendizados

e vivências acumulados através de uma prática, neste caso a escrita, que pode ser encarada como uma terapia. Terapia essa que, entre outros, pode ajudar a acentuar a convicção de que com práticas dessa ordem o cérebro será mais poupado a um processo de atrofia que nunca se pretende que esteja próximo ou, pelo menos, que não se manifeste de modo tão cruel no caso de já começar a ser uma realidade²⁶.

Deste caso, importa extrair como ensinamento a importância de saber preparar a população, através da aprendizagem ao longo da vida, para um dia, em qualquer momento da sua existência, poder tirar partido do oral ou da escrita também porventura em termos de uma terapia. Acontece porém que se espera que o conceito a que se reporta o termo “terapia” associado à escrita, em virtude das potencialidades desta²⁷, deva ser considerado de maneira bastante abrangente e não circunscrito a uma sua leitura mais apressada e superficial. No fundo, deseja-se que também a linguagem, quando cultivada e exercida como merece, tenha um papel relevante no ambicionado envelhecimento activo, que contribuirá por certo para não deixar que o envelhecimento fisiológico encontre um caminho sem escolhos e, por isso, de fácil trajecto.

Que constituirá um desafio de monta criar programas bem pensados que fomentem a aprendizagem ao longo da vida, nela incluída também a possibilidade de pôr em prática a linguagem oral e escrita, destinados aos nossos seniores, actuais e futuros, com vista a que sejam agentes de um envelhecimento activo de qualidade, revela-se inquestionável.

Que os nossos seniores merecem, no entanto, todo o esforço que um tal desafio implica também se revela inquestionável.

Resta, então, começar ou continuar a pensar seriamente no conteúdo de bons programas de aprendizagem ao longo da vida que confirmam um envelhecimento activo de qualidade aos vários tipos de idosos que integram a nossa população.

²⁶ Neste ponto, convém lembrar o conteúdo do estudo de Coffey *et al.* (1999).

²⁷ Ver Capítulo III deste volume “Literacia e envelhecimento cognitivo”.

Referências

- ADAMS, C.; LABOUVIE-VIEF, G.; HOBART, C. J. & DOROSZ, M. (1990). Adult age group differences in story recall style. *Journal of Gerontology*. 45(1), 17-27.
- BIRREN, J. E. & FISHER, L. M. (1992). Aging and slowing of behavior: consequences for cognition and survival. In Th. B. Sonderegger (Ed.). *Psychology and aging*. Nebraska Symposium on Motivation, 1991. Lincoln: University of Nebraska Press, 1-37. Referidos por Juncos Rabadán (1998: 2).
- BURKE, D. M.; MACKAY, D.; WHORTHEY, J. & WADE, E. (1991). On the tip of the tongue: What causes word finding failures in young and old adults? *Journal of Memory and Language*. 30, 542-579. Referidos por Juncos Rabadán & Elosúa de Juan (1998: 35).
- CARPENTER, P. A.; MIYAKE, A. & JUST, M. A. (1994). Working memory constraints in comprehension. Evidence from individual differences, aphasia and aging. In M. A. Gernsbacher (Ed.). *Handbook of Psycholinguistics*. San Diego: Academic Press, 1075-1122.
- COFFEY, C. E.; SAXTON, J. A.; RATCLIFF, G.; BRYAN, R. N. & LUCKE, J. F. (1999). Relation of education to brain size in normal aging. Implications for the reserve hypothesis. *Neurology*. 53, 189-196.
- DAVIS, S. T. (1991). *Pragmatics. A reader*. New York: Oxford University Press. Referido por Juncos Rabadán & Vilariño Vilariño (1998: 100).
- FIELD, J. (2004). *Psycholinguistics. The key concepts*. London/New York: Routledge, Taylor & Francis Group.
- FORTUNA, J. F. T. (2007). *Reflexões baratas... e não só*. Edição e Direção de José F. Tavares Fortuna. Santo Tirso: Tipografia Nova.
- GIROLAMI-BOULINIER, A. (1984). *Les niveaux actuels dans la pratique du langage oral et écrit*. Paris: Masson.
- GIROLAMI-BOULINIER, A. (1985). Compréhension et expression chez les personnes âgées de 90 ans et davantage. *Bull. Audiophonol. Ann. Sc. Univ. Franche-Comté*. 1(3), 370-377.
- GIROLAMI-BOULINIER, A. (1993). *L'apprentissage de l'oral et de l'écrit*. Coll. «Que sais-je?». N.º 2717. Paris: Presses Universitaires de France.
- GRICE, H. P. (1991). Logic and conversation. In S. Davis (Ed.). *Pragmatics. A reader*. New York: Oxford University Press, 305-315. (1ª ed.: 1975). Referido por Juncos Rabadán & Vilariño Vilariño (1998: 100).

- HARWOOD, J.; GILES, H. & RYAN, E. B. (1995). Aging, communication, and intergroup theory: Social identity and intergenerational communication. In J. Nussbaum & J. Coupland (Eds.). *Handbook of communication and aging*. Hillsdale NJ: Erlbaum Associates, 133-159. Referidos por Kemper & Kentes (2000: 207).
- HASHER, L. & ZACKS, R. T. (1988). Working memory, comprehension, and aging: a review and a new view. In G. H. Bower (Ed.). *The psychology of learning and motivation*. London/New York: Academic Press, Vol. 22., 193-225. Referidos por Juncos Rabadán & Pereiro Rozas (1998: 67).
- HILGERT, J. G. (2001). A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na internet. In D. Preti (Org.). *Fala e escrita em questão* 2.^a edição. Projetos Paralelos – NURC/SP (Núcleo USP) 4, Humanitas. São Paulo: Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, pp. 17-55.
- HOLLAND, C. A. & RABBITT, P. M. A. (1990). Autobiographical and text recall in the elderly: an investigation of a processing resource deficit. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*. 42A, 441-471. Referidos por Juncos Rabadán & Pereiro Rozas (1998: 56).
- JUNCOS RABADÁN, O. (1994). Lenguaje y envejecimiento. Una aproximación cognitiva. *Cognitiva*. 6(2), 189-211.
- JUNCOS-RABADÁN, O. (1996). Narrative speech in the elderly: effects of age and education on telling stories. *International Journal of Behavioral Development*. 19(3), 669-685.
- JUNCOS RABADÁN, O. (1998). Involución y deterioro en el desarrollo del lenguaje. In O. Juncos Rabadán (1998). *Lenguaje y envejecimiento. Bases para la intervención*. Barcelona: Masson, 1-20.
- JUNCOS RABADÁN, O. & ELOSÚA DE JUAN, R. (1998). Acceso léxico en la vejez. In O. Juncos Rabadán (1998). *Lenguaje y envejecimiento. Bases para la intervención*. Barcelona: Masson, 21-45.
- JUNCOS RABADÁN, O. & PEREIRO ROZAS, A. X. (1998). Lenguaje narrativo. In O. Juncos Rabadán (1998). *Lenguaje y envejecimiento. Bases para la intervención*. Barcelona: Masson, 47-72.
- JUNCOS RABADÁN, O. & VILARIÑO VILARIÑO, I. (1998). Comunicación, lenguaje y contexto social. Logopedia en el ámbito familiar y social. In O. Juncos Rabadán (1998). *Lenguaje y envejecimiento. Bases para la intervención*. Barcelona: Masson, 99-121.
- JUNCOS RABADÁN, O. & FACAL MAYO, D. (2003). Evaluación de las capacidades comunicativas en la vejez. *Homenaje al Dr. Jorge Perello Gilberga*. Bibliotheca Salamanticensis, T. 241. Salamanca: Universidad de Salamanca, 467- 483.

- JUNCOS-RABADÁN, O.; PEREIRO, A. X. & RODRÍGUEZ, M. S. (2005). Narrative speech in aging: quantity, information content, and cohesion. *Brain and Language*. 95, 423-434.
- KEMPER, S. (1988). Geriatric psycholinguistics: syntactic limitations of oral and written language. In L. L. Light & D. M. Burke (Eds.). *Language, memory, and aging*. New York: Cambridge University Press, 57-76. Referido por Juncos Rabadán & Pereiro Rozas (1998: 67).
- KEMPER, S.; RASH, S.; KINETTE, D. & NORMAN, S. (1990). Telling stories: the structure of adults' narratives. *European Journal of Cognitive Psychology*. 2, 205-278. Referido por Juncos Rabadán & Pereiro Rozas (1998: 56).
- KEMPER, S. & KEMTES, K. (2000). Aging and message production and comprehension. In D. C. Park & N. Schwarz (Eds.). *Cognitive aging: A primer*. Philadelphia: Taylor & Francis, 197-213.
- KEMPER, S.; GREINER, L. H.; MARQUIS, J. G.; PRENOVOST, K. & MITZNER, T. L. (2001). Language decline across the life span: findings from the nun study. *Psychology and Aging*. 16(2), 227-239.
- LECOURS, A.-R. & SIMARD, M. (1998). Cerebral substrate of language. Ontogenesis, senescence, aphasia, and recoveries. In B. Stemmer & H. A. Whitaker (Eds.). *Handbook of neurolinguistics*. San Diego: Academic Press, 17-24.
- MANDEL, R. G. & JOHNSON, N. S. (1984). A developmental analysis of story recall and comprehension in adulthood. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*. 23, 643-659.
- PEREIRO ROZAS, A. X. & JUNCOS RABADÁN, O. (1998). Diseños de programas sobre lenguaje y comunicación en la vejez. In O. Juncos Rabadán. *Lenguaje y envejecimiento. Bases para la intervención*. Barcelona: Masson, 149-166.
- PEREIRO ROZAS, A. X. & JUNCOS RABADÁN, O. (2000). Referencia cohesiva no discurso narrativo na velhez. *Verba*. 27, 317-339.
- PEREIRO ROZAS, A. X. & JUNCOS RABADÁN, O. (2003). Relación entre cambios cognitivos y lenguaje narrativo en la vejez. *Psicobema*. 15(1), 71-74.
- PINTO, M. DA G., VELOSO, J. & MARTINS, M. C. (2000). *The language of the elderly: A study with a group of European Portuguese speakers*. Estudo em preparação apresentado sob forma de ilustração na conferência plenária "Le psycholinguiste face à l'intérêt d'une politique éducative tout au long de la vie et d'une intervention langagière continue auprès de personnes (très) âgées", proferida por M. da G. L. C. Pinto no VI Congresso Internacional da International Society of Applied Psycholinguistics (ISAPL), Université de Caen, Caen, França, 28 de Junho a 1 de Julho de 2000.

- PRATT, M. W.; BOYES, C.; ROBINS, S. & MANCHESTER, J. (1989). Telling tales: aging, working memory, and the narrative cohesion of story retellings. *Developmental Psychology*. 25, 628-635. Referidos por Juncos Rabadán & Pereiro Rozas (1998: 56).
- PRETI, D. (1991). *A linguagem dos idosos. Um estudo de análise da conversação*. São Paulo SP: Editora Contexto.
- SALTHOUSE, T. A (1990). Working memory as a processing resource in cognitive aging. *Developmental Review*. 10, 101-124. Referido por Juncos Rabadán & Pereiro Rozas (1998: 67).
- SALTHOUSE, T. A (1992a). Why do adult age differences increase with task complexity? *Developmental Psychology*. 28, 905-918. Referido por Juncos Rabadán & Pereriro Rozas (1998: 67).
- SALTHOUSE, T. A (1992b). Working memory mediation of adult age differences in integrative reasoning. *Memory and Cognition*. 20, 413-423. Referido por Juncos Rabadán & Pereiro Rozas (1998: 67).
- SCLIAIR-CABRAL, L. (1991). *Introdução à psicolinguística*. São Paulo SP: Ática.
- SPERBER, D. & WILSON, D. (1986). *Relevance: communication and cognition*. Oxford: Blackwell. Referidos por Juncos Rabadán & Vilariño Vilariño (1998: 100).
- STINE, E. A. L.; CHEUNG, H. & HENDERSON, D. (1995). Adult age differences in the on-line processing of new concepts in discourse. *Aging and Cognition*. 2, 1-18. Referidos por Juncos Rabadán & Pereiro Rozas (1998: 67).
- TUN, P. A. (1989). Age differences in processing expository and narrative text. *Journal of Gerontology*. 44(1), 9-15.
- WILSON, D. & SPERBER, D. (1991). Pragmatics and modularity. In S. Davis (Ed.). *Pragmatics. A reader*. New York: Oxford University Press, 583-595. Referidos por Juncos Rabadán & Vilariño Vilariño (1998: 100).
- WIMMER, H. (1980). Children's understanding of stories: Assimilation by a general schema for actions or coordination of temporal relations? In F. Wilkening, J. Becker & T. Trabasso (Eds.). *Information integration by children*. Hillsdale NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers. Referido por Juncos-Rabadán (1996: 671).